



O Conhecimento ao Serviço da Sociedade

Onde os oceanos e a terra se encontram, a biodiversidade floresce...

Sílvia C. Gonçalves*



mudança de paradigma acontece. As diminuições acentuadas da profundidade (inferior a 200m) e da pressão hidrostática, aliadas à presença de luz, ao aumento da temperatura da água e à maior abundância de nutrientes, originam comunidades biológicas complexas e produtivas. Aqui encontram-se desde ecossistemas onde macroalgas formam luxuriantes florestas subaquáticas – Florestas de Algas Castanhas – a ecossistemas em que plantas aquáticas semelhantes a ervas formam densos prados onde mamíferos, tartarugas e peixes vêm alimentar-se – Pradarias Marinhas. O expoente máximo da biodiversidade marinha ocorre nas águas quentes das regiões tropicais e subtropicais, nos Recifes de Coral. Nestes ecossistemas únicos, os organismos mais abundantes são animais que vivem em simbiose com microalgas, os corais hermatípicos. Estes corais formam vastos recifes, de beleza inigualável, que servem de habitat a uma enorme diversi-

dade de espécies. Já nas zonas costeiras, a flutuação das marés e o tipo de substrato são as principais forças motrizes que moldam as comunidades, originando ecossistemas muito dinâmicos. Uma simples visita a uma Costa Rchosa em maré baixa revelará comunidades exuberantes, em que algas e animais coabitam e estabelecem interações complexas.

Os ecossistemas costeiros e de águas pouco profundas desempenham ainda várias funções ecológicas relevantes, prestando serviços e fornecendo bens. São viveiros naturais para várias espécies de peixes, crustáceos e moluscos, territórios de nidificação para aves e tartarugas, e fornecem proteção costeira, ao impedir o avanço do mar durante as tempestades. Por serem as zonas mais produtivas dos oceanos suportam grandes stocks de peixes, fundamentais na nossa alimentação.

Atualmente estes ecossistemas estão em apuros. Cerca de 75% da população mundial en-

contra-se nas zonas costeiras, gerando um impacto crescente que deteriora a sua qualidade ambiental e compromete a sua existência. A sobre-exploração dos recursos naturais, a ocupação indevida de habitats pela construção de infraestruturas e a poluição por uma miríade de substâncias químicas e de materiais inerentes ao nosso modo de vida, são por demais evidentes. Gerir de forma sustentável o uso destes ecossistemas e preservá-los só será possível integrando as dimensões ecológica, económica e social. Conhecer os nossos impactos e respeitar a Natureza são cruciais para mudar mentalidades e modos de vida. É urgente reduzir a nossa pegada ecológica e todos, sem exceção, temos que fazer a nossa parte. Só assim poderá a biodiversidade perdurar onde os oceanos e a terra se encontram. ◀

***Professora Coordenadora do Politécnico de Leiria, Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar, Doutora em Biologia Investigadora em Ecologia Marinha**

(artigo escrito com o actual acordo ortográfico)

Os oceanos cobrem cerca de 71% da superfície do planeta e foi aqui que surgiram as primeiras formas de Vida há 3,8 biliões de anos. Com uma profundidade média de 3,7 km, e máxima de 10,9 km na Fossa das Marianas (Oceano Pacífico), são sobretudo ambientes frios, sem luz e com elevadas pressões hidrostáticas. Nestes ambientes inóspitos e ainda pouco estudados apenas alguns organismos, especializados para estas condições ambientais, conseguem habitar.

Porém, quando os oceanos e a terra se encontram, a biodiversidade floresce. É nas águas pouco profundas e nas zonas costeiras que a